

CINEMATECA PORTUGUESA—MUSEU DO CINEMA
GESTOS & FRAGMENTOS: FILMES PARA VER ESTA SEMANA
8 A 14 DE MAIO DE 2020

COLONIA E VILÕES / 1977

um filme de Leonel Brito

Realização: Leonel Brito / Texto: Rogério Rodrigues e Jornal 'O Caseiro' / Fotografia: Elso Roque / Assistente de imagem: Pedro Efe / Eletricista: Amadeu Lomar / Som: João Diogo, Carlos Alberto / Sonoplastia: Raul Ferrão / Voz: Márcia Breia, Luís Alves / Montagem: Manuela Moura.

Produção: Cinequanon / Financiamento: Instituto Português de Cinema / Produtoras: Cremilde Mourão, César Monteiro, Ana Paula Veríssimo / Laboratório de imagem: Tobis Portuguesa / Estúdio de som: Valentim de Carvalho, Nacional Filmes / Ante-estreia: 16-5-198, na Sociedade Portuguesa de Autores (Lisboa) / Duração: 60 minutos.

COLONIA E VILÕES é um documentário sobre o contrato de colónia na ilha da Madeira, forma de exploração de trabalhadores agrícolas com origens medievais, mas que subsistiu mesmo após o 25 de Abril de 1974. Para tal, Leonel Brito investiga a história da colonização da ilha e as forças económicas e sociais que a moldaram, recorrendo a várias fontes documentais, incluindo imagens cinematográficas de arquivo.

Leonel Brito (n.1941) foi sócio fundador da Cinequanon e diretor de produção de dezenas de filmes daquela cooperativa realizados para a televisão, bem como de várias longas-metragens de António de Macedo, Luís Galvão Teles e Amílcar Lyra. Assinou ainda, como realizador, vários documentários como GENTE DO NORTE (1977) ou FÉLIX RIBEIRO: DR. CELULÓIDE (1980).

ENTREVISTA COM LEONEL DE BRITO (JANEIRO DE 1977)

Quais os fundamentos de 'Colónia e Vilões'?

A ideia de fazer um filme sobre a situação do trabalho rural na Madeira é antiga. Em 1967 estive na ilha, e foi daí que fiquei com vontade de filmar sobre uma situação que é, quase na sua totalidade, desconhecida no continente. Existe um contrato de colónia abrangendo trinta por cento da agricultura madeirense, verba, que faz parte dos usos e costumes.... Surge com a própria história da ilha, que não era habitada. A partir de 1420, ao dar-se a sua colonização, procede-se à divisão em capitánias, com capitães donatários, e as terras são entregues, pelo infante D. Henrique e, depois, pelos capitães donatários, a nobres portugueses ou europeus (flamengos e italianos)... Essa entrega baseia-se na Lei das Sesmarias de D. Fernando, fazendo-se a colonização da Madeira com os ladrões bons (aqueles que não tinham crimes de morte ou de fé), com escravos recolhidos no norte de África (após a conquista de Ceuta) e com os vilões — servos da gleba (o povo português). Com as leis dos vínculos e dos morgadios, a propriedade torna-se inalienável e, ao ser colonizada a Madeira, verifica-se um período imediato de grande esplendor, com a cana-de-açúcar... Trata-se do sítio onde ela é explorada, em ótimas condições, mais perto da Europa. Os senhores da terra enriquecem de imediato — o que traz a corrupção, o luxo, os vícios e as taras da corte: vão viver para a cidade (Funchal) e

outros para a capital — entregando a terra a colonos. Daqui surge o contrato de colônia, que nunca existiu em Portugal: libertam-se os escravos, os servos da gleba (vilões) são quem trabalha a terra, desmata terras virgens, faz caminhos, os socalcos... O senhor só tem o título: no fundo, a propriedade agrícola é feita pelo colono, que tem de entregar metade do que produz ao senhor. Paga-lhe um aluguer pela construção de casas; a parte melhor de porcos e galinhas... Este costume mantém-se! (...)

Quais as características da população madeirense?

Todo o povo é muito religioso, e quem tem o poder é a Igreja, embora haja padres progressistas que proclamam que 'a terra é de Deus, o fruto de quem a trabalha'... Os caseiros têm uma proposta de decreto para a abolição imediata da colônia, mas ainda não se passou de estudos: um no tempo do Vasco Gonçalves, agora outro na Assembleia Regional. A exploração das pessoas é, pois, levada às últimas consequências, e penso que o tentar trazer uma situação medieval ao Cinema pode ajudar a acabar vencedora a luta dos caseiros: eis o que nos levou lá. Descobrimos, além disso, outras coisas que nos parece importante divulgar, como a forte participação da mulher em todos os movimentos (sociais, políticos) de libertação do homem. E não são jovens, mas de cinquenta, sessenta anos, analfabetas... Mulheres espantosas, com oito, nove filhos, marido emigrado, ou alcoólico: a responsabilidade dos miúdos, da casa, da lida diária, pertence-lhes, é delas. Foi o que mais admirei na Madeira.

Qual a incidência de 'Colônia e Vilões'?

O filme tenta abordar, a partir da análise das forças históricas da ilha, porque existiram e porque persistem as colônias — mesmo agora, após o 25 de Abril. (...) O filme inclui, ainda, uma recolha de folclore — desde músicas bastante antigas a cantares populares que lembram as cantigas de amigo, o que tem a ver com os trovadores e o isolamento em que as pessoas vieram até agora. Aborda, finalmente, a dominação inglesa da ilha, nos séculos XVIII e XIX, em que a Madeira se tornou um feudo britânico... Ainda hoje, os grandes negócios de hotéis, bordados ou vinhos de exportação são ingleses, até mesmo um diário. A pequena burguesia citadina, para viver e sobreviver, tem de falar inglês! O ciclo da cana-de-açúcar, do vinho e o ciclo do sol (turismo) são as grandes etapas da exploração do povo: a exploração rural e a consequente emigração.

Quais são os teus projetos?

Vou, agora, fazer um filme em Trás-os-Montes, passado em Moncorvo, com a colaboração do jornalista Rogério Rodrigues: 'Zona Quente e Terra Fria' (título provisório) [seria o filme GENTE DO NORTE, 1977]. Aborda os problemas da emigração e caciquismo, de isolamento, que conhecemos da nossa infância. Através do cinema procuro, pois, comunicar, ligar as pessoas, pô-las em diálogo nas diversas regiões do País, para que interligando filmes e problemas, valores culturais que se extinguem, lutas que se travam, processos históricos que decorrem quase ignorados, as coisas sejam conhecidas: da Madeira, além dos bordados, vinho, fim-de-ano e último dia da guerra colonial, quase tudo se ignora: nós fomos descobrir um povo e procuramos torná-lo conhecido...

Depoimento recolhido por José de Matos-Cruz e publicado no jornal *Diário Popular*, 15-1-1977.